



Os problemas da Inteligência Estratégica Americana

Tenente-Coronel (R/1) Ralph Peters, Exército dos EUA

NOSSO SISTEMA NACIONAL de Inteligência jamais corresponderá às expectativas irreais existentes, nem muito menos atenderá todas as nossas necessidades. Independentemente do que seja feito, adquirido ou modificado, as agências de inteligência jamais poderão suprir todas as necessidades de conhecimento do Governo. Tal constatação não se trata de uma visão pessimista, mas sim de uma realidade que deve ser aceita.

Isto não significa que o sistema não possa ser melhorado ou que nossos líderes devam diminuir suas demandas às Agências de Inteligência Nacional. De fato, o sistema pode ser aperfeiçoado e o surgimento de solicitações para o mesmo promove o seu crescimento e melhorias. Porém, nossas expectativas irreais devem ser ajustadas aos níveis atuais de desempenho e a capacidade de nosso Sistema Nacional de Inteligência.

Nós devemos também deixar de culpar o Sistema Nacional de Inteligência pelos problemas políticos. Por todas essas razões, a comunidade de inteligência americana tornou-se uma válvula de escape para as decisões tomadas incorretamente por sucessivos líderes, indiferentes às questões de inteligência porém, cientes da utilidade política desses dados. Se nós pretendemos melhorar nossa segurança, devemos basear-nos na realidade daquilo que o sistema de inteligência pode ou não oferecer. Nós não esperamos que nosso sistema de saúde cure completamente todos os pacientes. Isso é tão improvável quanto imaginar um sistema de inteligência perfeito.

O Tenente Coronel Ralph Peters é oficial de inteligência aposentado e autor de 21 livros incluindo seu livro mais recente Never quit the fight (Nunca abandone um combate).

Enquanto existem problemas endêmicos e reais dentro de nosso sistema de inteligência, o maior deles, talvez seja a expectativa da população, da mídia e dos políticos de nossa nação. Desde as promessas de defesa de contratos indefensáveis, de insidiosos efeitos “hollywoodianos”, onde em fantasia tudo é possível, até as agências de inteligência super poderosas, na realidade o que ocorre é a falta de uma compreensão exata daquilo que o sistema pode proporcionar e ocasionalmente distribuir. Existe um clamor geral de que os serviços de inteligência falharam quando, na realidade, o que ocorreu foi uma circunstância sem possibilidade de defesa — semelhante às probabilidades de se ganhar na loteria.

Apesar do estardalhaço político em torno de uma tragédia catastrófica, qualquer possibilidade de prevenção do evento de 11 de setembro representa um mito, por melhor que seja o trabalho de inteligência. Nossos inimigos nos superaram significativamente, a ponto de que, mesmo as pessoas que hoje insistem em ter nos alertado sobre o evento, antes da ocorrência do mesmo, jamais nos trouxeram uma informação específica. Em retrospectiva, alguns fatos podem parecer mais simples e lineares. Nós não podemos crer que um general tenha agido tão ingenuamente na batalha, esquecendo de que nossa visão é privilegiada e muito mais clara do que a dele, diante do caos do combate. Por exemplo, revendo os eventos passados é óbvio identificar que em 1999 havia uma corrente sofisticada da era *HITECH* e insustentável na bolsa de valores, mas quantos de nós insistimos em comprar ainda mais ações no seu limite máximo? As acusações de que nós deveríamos saber que uma mudança estava se aproximando não ajudam e frequentemente são equivocadas. A questão deve ser, porque não percebemos que estava se aproximando?

Às vezes a resposta é que a atenção estava dirigida para alguma outra questão. Mas a resposta também pode ser que alguns eventos são impossíveis de serem antecipados sem contar com o fator sorte. O evento de 11 de setembro não representa apenas uma falha do sistema de inteligência, mas também uma falha do sistema legal, da arquitetura, da aviação, das forças de resgate, da política de longo-prazo e também da imaginação nacional. Nossos inimigos nos avisaram que iam atacar. De Langley a Los

Angeles, nós não acreditávamos que eles o fariam. Até mesmo aqueles que escreveram sobre ataques em massa em partes de Manhattan, não podem agora se afirmar como sabedores de que tal fato iria acontecer. Nós não esperávamos que o ataque fosse se tornar uma realidade. Nossos sistemas de crença coletiva precisam mudar e aceitar imagens de catástrofes em nosso solo.

Igualmente, nossos oficiais tiveram que passar por uma série de conflitos assimétricos antes de tirar a concepção da guerra fria de suas mentes. Reuniões, livros ou artigos jamais teriam o impacto de um homem-bomba suicida e de dispositivos explosivos improvisados. Dessa forma, a inteligência militar está começando a viver uma divisão de corrente de opiniões. De um lado, os administradores da tecnologia ultrapassada de ontem, que continua vigente e sendo utilizada. E de outro lado, a geração de oficiais de inteligência que enfrentaram as duras batalhas no Afeganistão e no Iraque e que, portanto, não esperam que um veículo equipado resolva o seu trabalho. Porque tratamos com situações de vida e morte, nos próximos anos, a inteligência tática, um conceito ignorado por muito tempo, irá avançar mais do que a inteligência estratégica.

Os eventos da última década ou do último século nos ensinaram muito sobre o relacionamento entre a comunidade de inteligência e nossa liderança nacional. Nos ensinaram que, quanto mais nossas ações políticas confiarem na exatidão da inteligência, maiores serão as probabilidades de nos sentirmos fracassados ou até mesmo humilhados.

A inteligência pode ajudar nossos líderes a melhor otimizar seus pontos de vista, o que não significa que ela possa substituir a liderança. Integrantes mais antigos da comunidade de Inteligência do mundo devem compartilhar conosco nossas expectativas irreais. Para assegurar um orçamento que financie o desenvolvimento de tecnologias ainda mais avançadas, muito se prometeu em resposta. Ainda que as aquisições técnicas, de satélites e programas de computador tenham nos trazido grandes vantagens em termos de processamento e captação de dados pode-se afirmar que, até mesmo o melhor equipamento imaginável não consegue prever o comportamento de indivíduos ou de governos hostis.

As soluções, por intermédio de investimento em tecnologia, prejudicam os esforços de inteligência. Esses meios nos oferecem uma volumosa quantidade de dados que se tornam tão corriqueiros, em face do que a tecnologia pode nos dispor, que acabam minimizando a importância do que seja relevante. Enquanto os humanos são desorganizados, a tecnologia é criteriosa. Além disso, existem lucros exorbitantes obtidos na área da tecnologia (uma boa fonte de renda na aposentadoria para programadores). Sendo assim, o orçamento do Congresso tende, inevitavelmente, para os investimentos em sistemas de inteligência, preferencialmente sobre as habilidades humanas.

Não existe um programa consistente, oferecendo apoio à inteligência humana, habilidades lingüísticas, enfim uma análise profunda. Afora uma retórica esporádica, oriunda do Senado, os recursos destinam-se para máquinas e não para o sangue e a carne humana. Os investimentos em pessoal tornam-se irrelevantes se comparados com o que se investe em tecnologia. Ainda que, na realidade, vivamos numa era na qual nossos problemas de segurança são basicamente representados pelas questões humanas. Apesar de meia década de reorganização, inclusive no topo do sistema de inteligência, nós ainda estamos mais bem capacitados para monitorar os movimentos soviéticos do que para compreender e/ou encontrar terroristas. Em Washington, a resposta imediata a qualquer crise burocrática, consiste logo em substituir nomes para que ocupem principais cargos, sem efetivamente promover a reforma necessária — e ninguém em nosso governo parece entender o conceito de investimento perdido.

Nem mesmo as dificuldades da nossa inteligência eliminam nossa incapacidade de encontrar e matar Osama Bin-Laden, que será eliminado, eventualmente, da mesma forma que ocorreu com Abu Musab al Zarqawi. Nossa Inteligência, equipada com alta tecnologia, também falhou em muitas áreas nas quais deveria ter sido bem-sucedida. Considere a seguir alguns exemplos de um sistema que se desmorona quando é solicitado dele o cumprimento de uma tarefa.

- Durante a campanha aérea para frear o controle que Belgrado mantinha sobre Kosovo, os militares sérvios driblaram e enganaram o nosso sistema de captura de informações com disfarce de alvos, que consistiam em campos de fogo, casco de navios

velhos e sucatas de metal. Centenas de milhões de dólares foram desperdiçados em munição de precisão quando atacamos alvos de carvão improvisados. Foi necessária a ameaça do emprego de uma força terrestre americana para forçar um compromisso diplomático imediato. Enfim, um bombardeio aéreo de 6 semanas para atingir alguns poucos alvos.

- De forma notória, nossas centenas de bilhões em sistema de inteligência não puderam confirmar ou refutar a hipótese de que Saddam possuía armas de destruição em massa, na medida em que nós prosseguíamos com a guerra. Nosso sistema de inteligência provou-se fraco, a tal ponto que já não possuía nada de substancial para desafiar ou dar apoio à posição assumida pelos líderes que tomaram a decisão. Sem encontrar evidências que provassem o contrário, a existência de armas de destruição em massa no Iraque tornou-se algo mais do que uma opinião. Opinião que teve tamanha força, o suficiente para prosseguir com a guerra. A falta de fontes confiáveis no Iraque e de agentes no solo deixaram os satélites buscando, desesperadamente, por qualquer sinal de que o regime de Bagdá estava armado com armas proibidas. Nós já não estávamos coletando informações, mas estávamos fazendo conjecturas. Conjecturas transformadas em convicção. E nós partimos para a guerra, tendo como foco principal a descoberta dos agentes químicos e não de uma população convulsiva.

- Nenhuma de nossas buscas técnicas detectou ameaça de guerra de Saddam, dos *Fedayeen* ou de outras forças irregulares. O General William Scott Wallace, Comandante do V Corpo de Exército, já em Bagdá, observou que o inimigo que nós terminamos por combater (com sucesso) não foi o mesmo inimigo que nosso sistema de inteligência havia nos informado. Os comandantes aprenderam, enquanto saíam para combater e lutar, que o nosso melhor sistema de inteligência lhes havia assegurado uma guerra diferente. No Iraque, não podíamos ver aquilo que queríamos ver, assim nós nos recusamos a ver aquilo que não queríamos ver. Confiamos tanto na busca tecnológica que nos esquecemos de pensar.

- Nem mesmo um único entre as centenas de ataques realizados, utilizando-se de equipamentos de precisão, foi bem-sucedido para eliminar indivíduos alvos nos primeiros estágios da

Operação *Iraq Freedom*, apesar de a maioria dos ambientes terem sido destruídos. O conceito permanece na teoria, mas nossa habilidade de atingir um alvo é muito superior a nossa capacidade de identificar o alvo corretamente. É extremamente difícil encontrar pessoas que estão fazendo o melhor que podem para se esconder. Até o momento, nosso sucesso contra os terroristas foi resultado de interrogatórios, pistas e processamento de material confiscado do que pelos meios de busca de dados com nossos próprios recursos nacionais. Em território do Iraque, o pessoal de inteligência militar esquematizou um diagrama do relacionamento entre nossos inimigos, semelhante ao que nossos predecessores faziam a oitenta anos passados, com a diferença de que agora nós usamos o computador para desenhar.

- Os famosos satélites conseguem registrar a placa de um veículo e muito mais. Mas raramente eles podem dizer se dentro do Toyota está um civil inocente, um homem-bomba ou um líder terrorista. Se o inimigo não usa tecnologia de telecomunicações, nós temos que voltar ao uso de homens para identificar os nossos alvos de ataque.

O problema com o fator humano é que os tecnocratas que dominam a comunidade de inteligência não são afeiçoados a esse aspecto. Eles consideram a tecnologia confiável (e deixando de lado os problemas de gestão de pessoal), mesmo se a confiabilidade é imune a qualquer problema de administração de pessoal, mesmo assim a confiabilidade não é parte de nossas necessidades atuais. Quanto mais os problemas de segurança necessitam do fator humano, mais dinheiro é investido em tecnologia. Um psiquiatra aposentado que conheço, disse-me que um ato de insanidade é repetir o mesmo erro obsessivamente. Tomando esta definição como parâmetro, podemos dizer que a nossa comunidade de inteligência é tão insana quanto à *luta da ficção contra a realidade*.

Somente os seres humanos podem penetrar na mente de outros seres humanos. Entender nossos inimigos é o requisito mais importante de nossos



Departamento de Defesa

Soldado americano detem um suspeito de ser insurgente perto de Baqubah, no Iraque. Estes soldados atuavam de acordo com a inteligência recebida dos cidadãos iraquianos sobre a atividade insurreta na sua comunidade. (28 jul 2005)

sistemas de inteligência. E a palavra entendimento é uma palavra raramente usada nos nossos manuais de inteligência. Nós somos obcecados em acumular um enorme volume de informações, medindo sucesso pela quantidade e não pelos resultados. Em lugar de lutar pelo ouro nós estamos juntando uma enorme quantidade de lama.

Duas coisas têm que acontecer para melhorar o nosso Sistema Nacional de Inteligência. Dentro da comunidade de inteligência, nós precisamos encontrar um balanço efetivo entre nosso padrão de tecnologia, incluindo o fator humano. No topo desse jogo, inteligência envolve decifrar o que o inimigo irá fazer, antes mesmo que ele saiba o que irá fazer. A melhor análise de Inteligência

deve fazer isso, mesmo que esporadicamente, pois sucesso ocasionalmente é melhor do que fracassos consecutivos. Apesar dos resultados imperfeitos, quem negaria que uma análise das mentalidades, ambições, medos, ciúmes, esquemas e desejos de nossos inimigos poderiam nos dar mais informação, à época que antecedeu o atentado de 11 de setembro e a invasão do Iraque, do que qualquer série de fotos de satélites?

Se nós pretendemos melhorar a qualidade e utilidade de nossa inteligência, que chega até os nossos líderes, precisamos aceitar a primazia do fator humano na inteligência. Ao contrário do sistema atual, no qual as pessoas se apóiam na tecnologia, nós precisamos de tecnologia apoiando as pessoas.

Outra coisa que deve ser feita e que é extremamente difícil para todos nós, desde o Salão Oval, passando pelos comandantes militares até a multidão é ajustar nossas expectativas sobre o que os serviços de inteligência podem proporcionar e qual o nível de confiabilidade dos dados. Os tecnocratas continuam a insistir contra todas as evidências e argumentam que os equipamentos, quer compremos mais ou desenvolvamos novos, podem resolver todos os nossos problemas. Mas essa etapa de disputa entre Caim e Abel, de desorientação global e de um retorno às entidades primitivas e crenças é a crua e brutal realidade da humanidade. Ao invés de nos aproximarmos uns dos outros, a era do computador tem aumentado as nossas diferenças e revigorado nossos ressentimentos. Trata-se de uma nova classe dirigente tira proveito, enquanto a massa humana indigna-se.

Nenhum desafio do sistema de inteligência é maior do que a existência do ódio do ser humano, a tal ponto de nos querer matar. Como podemos identificá-lo no meio da multidão antes que ele nos mate? Porque ele quer nos matar? E talvez até cometendo suicídio nesse processo? Como nós podemos encontrá-lo na cidade, na confusa multidão ou nas tribos remotas? Os custos do 11 de setembro ao nosso país provou ser muito maior do que as 3.000 fatalidades que aconteceram naquela manhã. Quais as conseqüências de segunda, terceira ou quarta ordem de uma pequena explosão nuclear?

Nós podemos destruir esse estado facilmente. Indivíduos são fortes e resistentes. No presente,

nós sabemos aproximadamente onde está o Osama Bin-Laden, mas nos falta informação precisa para atacá-lo com uma única e aceitável bomba. Para ter condições de localizar e capturá-lo teríamos que enviar uma grande força terrestre, potencialmente englobando todo o Paquistão e desmontando o regime militar, o que tragicamente é a única esperança do país. Sendo assim, nós estamos aguardando uma informação que nos diga o que precisamos saber. Depois da falha completa do custoso sistema de inteligência estamos confiando em suborno, informantes e sorte, além de atacar cabanas, cavernas, e não comandos, casamatas e silos de mísseis.

Nosso sistema de inteligência pode ser mais eficiente protegendo-nos, mas mesmo que seja reformulado, ele jamais poderá deter ou imobilizar todos os nossos inimigos. Precisamos melhorar, porém jamais seremos um sistema perfeito. A inteligência refere-se a pessoas em ambos os lados e humanos são imperfeitos por natureza. Em meio ao tumulto que nos cerca hoje, os humanos imperfeitos podem nos ajudar mais do que os equipamentos perfeitos.

As pessoas encarregadas de tomar decisões devem aceitar que sempre existirá uma margem de incerteza. Os generais aprenderam a conviver com esta realidade desde a idade do bronze. Mesmo que os serviços de inteligência hoje atuem com elevada dose de qualidade, existe a possibilidade de que surjam desafios no futuro. Existem poucas certezas, se é que existe alguma, nos serviços de inteligência. Os problemas que enfrentamos, fruto de sistemas estrangeiros, são ativos, mutantes e vivos e freqüentemente manifestações irracionais de problemas humanos em constante mudança. A inteligência também muda. Até mesmo a melhor inteligência estratégica pode apenas nos dar um simples esboço estático de um evento que esteja ocorrendo neste momento ou apenas uma orientação, sem mesmo um mapa, com todos os detalhes para predeterminar o futuro. O paradoxo férreo de qualquer sistema de Inteligência é que para expandir suas capacidades ele tem que aceitar suas limitações.

Culpar os serviços de inteligência pelas falhas políticas é semelhante ao criador que culpa suas ferramentas. Até mesmo o melhor serviço de inteligência pode apenas informar e, jamais, tomar as decisões. **MR**